



ASSASSINIO DE SERTORIO

Gravura extrahida da *Historia Universal*, editada pela Empresa Litteraria de Lisboa

QUADROS DE HISTORIA NACIONAL

A CORÇA DE SERTORIO

Viram, meus jovens amigos, como Viriato conseguira affrontar o poder de Roma, e dominar, durante uns poucos de annos, quasi a Hespanha toda. Foi essa, por assim dizer, a nossa primeira tradição nacional, e origem de glorias subsequentes. O povo, que assim conseguira tornar-se notavel e temido, não se resignava facilmente a estar sujeito a estranhos dominadores. Vivia, por conseguinte, no espirito dos Lusitanos, mais do que no espirito dos outros povos da Peninsula, o sentimento da independencia. Quando rebentaram em Roma as terriveis dissensões entre Sylla e Mario, dissensões que se repercutiram em todos os dominios da poderosa cidade, a Hespanha seguiu o partido de Mario, e um dos melhores officiaes d'este celebre dictador, Sertorio, conseguiu até prolongar na Hespanha a lucta, já depois da perda e da morte do seu chefe. Comtudo, Roma concentrára contra a peninsula ibérica todos os seus esforços, e Sertorio, vencido e desalentado, retirou-se para a Africa. Sorrio aos Lusitanos a idéa de recuperarem a sua independencia, debaixo da direcção de um chefe, como Sertorio, que soubera conquistar grandes sympathias em toda a peninsula hespanhola, e

que revelára altas qualidades militares. Chamaram-n'o. Sertorio cedeu ás suas instancias, atravessou de novo o estreito que hoje têm o nome de Gibraltar, e veio organizar na Lusitania a resistencia ao dominio romano.

Não lhes contarei as suas victorias successivas sobre os Romanos, victorias em que teve um brilhante auxiliar no seu questor Hirtuleio. Não lhes direi como foi que, vendo os triumphos successivos de Sertorio, todos os inimigos do estado de coisas existente em Roma, vieram alistar-se á sombra das suas bandeiras. Assim fez Perpenna, que primeiro se refugiára na Sardenha. Não lhes contarei enfim as innumeradas batalhas em que Sertorio derrotou os mais afamados generaes da republica romana, desde o velho Metello até ao juvenil Pompeu, e as outras em que foi vencido tambem. Não é do grande general Sertorio que pretendo tratar n'este brevissimo esboço, é do grande organisador, do civilisador, do homem que esteve quasi fundando, doze seculos antes de D. Affonso Henriques, uma nacionalidade independente n'este canto da Peninsula.

Sertorio fez da Lusitania o ponto central do seu dominio, mas conseguiu estendel-o por toda a Hespanha, a ponto de que as cidades sujeitas ao senado romano appareciam já como ilhas no meio de um territorio, que, poucos annos antes, reconhecia completamente a authoridade da

grande republica. Dividiu porem elle o seu dominio em dois governos independentes, posto que sujeitos ao mesmo chefe, como se já nas nossas remotas eras fosse indispensavel estabelecer este dualismo peninsular, que está fundamente radicado no animo de todos, e que torna para sempre impossivel a unidade iberica. A Celtiberia e a Lusitania foram esses dois estados. Teve a Celtiberia Osca por capital, e a Lusitania Evora. Era esta porem a cidade predilecta de Sertorio, a verdadeira cabeça do seu já vasto imperio. Encheu-a de monumentos, cujos restos são hoje ainda o assombro dos viajantes. Deulhe uma organização semelhante á de Roma, instituições copiadas das instituições da grande cidade, e como, para implantar em nações semibarbaras uma civilização estranha é sempre necessaria uma intervenção sobrenatural, Sertorio disse que era Diana, a quem erigio em Evora um templo magnifico, ainda hoje existente, a sua inspiradora e a sua conselheira. Déra-lhe um camponez, um gracioso mimo, uma gentil corça branca recém-nascida. Ora a corça era a companheira mythologica da alva Diana, a casta deusa dos caçadores. A corça passou aos olhos d'esses povos amantes do maravilhoso por uma doce medianeira entre Diana e Sertorio. O meigo animal seguia por toda a parte o seu dono, acompanhava-o á guerra, estava sempre ao seu lado. Perdeu-se uma vez, e essa perda considerou-se como um signal de colera celeste. Tornou-se a encontrar, e foi esse acontecimento considerado um phenor de reconciliação.

Grças á sua corça branca, pôde Sertorio implantar na Lusitania e na Hespanha em geral instituições que aliás não se radicariam facilmente n'este paiz, e assim a Lusitania entrou no gremio da civilização, uma civilização toda romana, que d'aquí se propagou pelo resto da Peninsula. E assim como fôra um Lusitano, Viriato, que déra á Peninsula o sentimento da independencia, e o prestigio da gloria militar, assim foi um chefe estrangeiro, mas que partira da Lusitania, quem lhe deu os esplendores e as victorias da civilização romana e da resistencia a Roma, como depois foi tambem um Portuguez — Magalhães — que levou os navios de Hespanha á gloriosa viagem da primeira circum-navegação, e um chefe estrangeiro, mas que partira de Portugal — Wellington, quem levou á Hespanha a redempção e a independencia. E é assim que, desde os tempos mais remotos, em que o destino d'esta região occidental está confundido com os destinos do resto da peninsula, a sua individualidade se destaca desde logo de um modo notavel e brilhante. A nacionalidade portugueza, fundada e robustecida em plena idade media, tem, contudo, como se vê, raizes mais remotas.

Querem saber de certo, meus jovens amigos, como terminou este glorioso sonho de Sertorio? Terminou, como terminára a epopeia de Viriato, pelo assassino ignobil. Mas, ao menos, d'esta vez foram Romanos os assassinos, foi Perpenna com os seus intimos quem planeou e executou o crime. E a corça? Não sobreviveu de certo a Ser-

torio, como lhe não sobreviveram os heroicos Lusitanos que formavam a sua guarda particular, e que, de dôr e de desespero, se mataram uns aos outros sobre o tumulto do seu heroico chefe.

PINHEIRO CHAGAS.



ABAIXO A PALMATORIA!

COMEDIA INFANTIL EM I ACTO

(Conclusão)

SCENA VII

OS MESMOS e D. ENGRACIA

D. Engracia (entrando) — Está muito apressada! Então já sabe as lições? Vamos a vêr isso. A menina não me engana!

Julio (diligenciando imitar a voz de Clotilde) — Pois eu havia de enganar-a, minha senhora!

Clotilde (áparte, escondida) — Que espertalhão!

D. Engracia — Sim, sim. Vamos, dê cá o livro.

Julio (dando-lhe o livro) — Aqui está, minha senhora. Eu sou muito amigo da historia...

D. Engracia — Amigo?

Julio (áparte) — Ó demonio! Já me esquecia que era rapariga! (alto) Eu disse *amiga*; a sr.^a *D. Engracia* percebeu mal.

D. Engracia — Hum!

Clotilde (áparte) — O Julio não leva a comedia ao fim!

D. Engracia (fendo no livro) — «Quem foi o decimo quarto rei de Portugal?»

Julio — D. Manuel, cognominado o *Venturoso*, porque o seu reinado foi extremamente feliz.

D. Engracia — Não é isso.

Julio — Não é isto?...

D. Engracia — O livro diz: *muito* feliz.

Julio — Então não é a mesma coisa?

D. Engracia — Se a menina estudasse com attenção, dizia as palavras do livro.

Julio — Exprimindo a idéa, que importam as palavras?

D. Engracia — Ai! ai! ai! Está muito doutora!

Clotilde (áparte) — O Julio deita tudo a perder!

D. Engracia — Vamos adiante. «Que descobrimentos houve n'este reinado?»

Julio — (com desembaraço) — Além de outros, o do caminho marítimo para as Indias, descoberto pelo grande Vasco da Gama, em 1498; o descobrimento do Brasil, em 1500, por Pedro Alvares Cabral; o de Madagascar, por Tristão da Cunha; o da ilha de Santa Helena, por João da

Nova; e da Terra Nova e outras ilhas, pelos celebres Cortereaes.

D. Engracia — Muito bem, muito bem.

Clotilde (á parte, sempre occulta do outro lado da meza) — Nunca eu dei uma lição como hoje!

Julio — Deve-se ainda dizer que, por culpa d'el-rei, perdemos uma outra gloria. Fernão de Magalhães, um portuguez illustre, offerceu-se para descobrir um outro caminho para a India; mas como D. Manuel não fez caso d'elle, foi apresentar-se a Carlos I de Hespanha, 5.º d'Allemanha, o qual lhe confiou uma esquadra bem aprovisionada. O nosso patricio descobriu então no sul da America um estreito que permittia a navegação á volta do mundo. Ainda hoje conserva o nome de estreito de Magalhães.

D. Engracia (que se tem mostrado espantada) — Mas no compendio não está nada d'isso! Onde foi a menina aprender tantas explicações?

Julio (á parte) — Co' a breca! falei de mais! (alto) Foi mesmo a sr.ª D. Engracia que me explicou...

D. Engracia — Eu? Eu sabia lá se Fernão de Magalhães... (emendando-se, para não mostrar ignorancia) Sim, sim, é verdade, não me lembrava que lhe tinha explicado...

Clotilde (não podendo conter-se, solta uma gargalhada) — Ah! ah! ah!

D. Engracia (embespinhada) — De que se ri a menina?

Julio — De nada, minha senhora... isto é nervoso. (á parte) Aquelle demonico da Clotilde!

D. Engracia (á parte, levantando-se) — Estou estranhando a rapariguinha. (alto) Bom; agora venha connigo para acabar o seu bordado.

Julio (á parte) — O bordado! Co' a fortuna! para isso é que me não serve ser capitão.

D. Engracia — Então, menina, não ouviu?

Julio — Hoje á quinta feira...

D. Engracia — No sabbado começam as feiras, e quero que leve o bordado á sua mamã. Sempre mandriona! Vamos. (Sobe um pouco).

Julio (rapido, tomando o lugar de Clotilde, e impellido-a — á parte) — Agora tu!

Clotilde (já de pé) — Vamos lá a essa massada!

D. Engracia (voltando-se) — Massada, menina! E até parece que mudou de voz! (descendo) E não quero que lhe chame mandriona... (reparando em Clotilde) — Mas então como é isto? A menina estava vestida de verde e agora apparece-me de encarnado! Cruzes, canhoto! (benze-se) Aqui anda coisa má!

Clotilde (com modo mysterioso) — É que eu possuo um talisman!

D. Engracia — Um talisman! Que está a menina a dizer?...

Clotilde — Foi uma feiticeira que o deu a meu avô na India. Não crê em feiticeiras, senhora D. Engracia?

D. Engracia. — Eu perco o juizo! Nada, isto não pôde ser. A menina está zombando de mim; mas deix-me ir buscar a palmatoria, que é para lhe quebrar o feitico! (Dirige-se para a porta do fundo).

Julio (sahindo rapidamente de traz da meza, e fazendo signal a Clotilde para ir para o lugar d'elle, o que ella executa) — Senhora

D. Engracia! (com voz cavernosa) — Senhora D. Engracia! não vá buscar a palmatoria!

D. Engracia (voltando-se) — Atrevida! (reparando) Jesus me valha! outra vez o vestido verde! Isto é brucharia! (afflicta) Não me sinto boa... Falta-me a vista... (senta-se desfallecida n'uma cadeira).

Julio — O caso agora é mais serio! (Abana D. Engracia com um lenço).

Clotilde (acoretando) — Coitadinha! perdeu os sentidos! Tu foste o culpado, Julio.

Julio — Cala a bocca, e abana alli do outro lado.

Clotilde (abandonando tambem D. Engracia) — Ai! meu Deus! se ella morre...

Julio — Qual morre! Abana com mais força! Póde constipar-se, mas não faz mal!

D. Engracia (espirrando) — Atchim!

Julio — Bem dizia eu!

D. Engracia (abrindo os olhos) — Ai! já passou. (Reparando em Julio e em Clotilde, ajoelhados). Duas!

Clotilde — Perdão!

Julio — Não desmaie outra vez, minha senhora, que eu explico tudo.

Clotilde — Mas primeiro ha de perdoar-nos.

D. Engracia (cobrando animo) — Não perdão nada! (reparando mais em Julio) Ora esperem! esta menina não é cá do collegio!

Julio (levantando-se) — Menino, se faz favor, e ás ordens de V. Ex.ª

Clotilde (levantando-se — á parte) — Agora é que estoira a bomba!

D. Engracia — Um rapaz! Ai que desaforo! Vou chamar a policia!

Clotilde — É o meu mano Julio, sr.ª D. Engracia.

D. Engracia — Seu mano?

Julio — Sim, minha senhora. Como estamos no carnaval, lembrei-me de fazer esta brincadeira, que não offende ninguem...

D. Engracia — Brincadeiras em minha casa, menino!

Julio — No carnaval, minha senhora.

Clotilde (fazendo-lhe festas) — Então, senhora D. Engracia, perdoe-nos. Não queira mostrar-se má, sendo boa.

D. Engracia (um tanto enternecida) — Porque não ha de a menina ser sempre assim tão meiga?

Julio — O porquê sei-o eu.

D. Engracia — Sabe?

Julio — É por causa da palmatoria.

D. Engracia — Hem!

Julio — Não é com vinagre que se apanham moscas. Se no meu collegio me dessem castigos a cada momento, eu perdia o gosto ao estudo e chegava a não fazer caso das reprehensões.

D. Engracia — O menino é muito doutor. (á parte) — Terá elle razão?

Julio — Ora experimente, minha senhora; ponha de parte a palmatoria, modere os castigos, faça uso de premios e distincções, e verá como o estimulo consegue mais que os rigores.

Clotilde (com meiguice) — Nós desejavamos ser muito amiguinhas da senhora D. Engracia, mas mette-nos tanto medo... Quando nos lembramos das nossas mamãs, que estão longe, senti-

mas muitas saudades, e bem desejavamos que a senhora D. Engracia, que é aqui a mãe de nós todas, nos animasse; mas temos receio de nos aproximar...

D. Engracia (commovida) — Da cá um beijo, minha filha, e nunca mais tenhas medo de mim!

Clotilde (saltando-lhe ao pescoço) — Verá como hei de ser sua amiga e como saberei as lições!

Julio (a D. Engracia, com intenção) — Então... abaixo a palmatoria?

D. Engracia — Os rapazes d'este tempo! (sorrindo) Abaixo a palmatoria.

Clotilde e Julio — Viva a senhora D. Engracia! E... abaixo a palmatoria!...

(Cabe o vaso)

— Mas se não tenho vontade — respondeu Susana.

— Ah! não queres crescer? — observou o sr. de Beaucour.

— Porque dizes isso, avôsinho?

— Porque, se não comeres, ficas sempre uma caturrinha — respondeu o avô, muito serio.

— Isso é verdade?

— Ainda ella pergunta se é verdade! — interveiu Paulo.

Susana olhou muito attenta para o irmão.

— Porque? — perguntou.

— Já me tardavam os teus porquês! — disse Paulo sorrindo.

— Sim, porquê? — insistiu a Susaninha.



AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR ERILIO DESBEAUX

(Centi-mado do numero antecedente)

CAPITULO IV

O IRMÃO DE SUSANA

A senhora de Sannois e seu filho Paulo estavam já na casa de jantar quando Susana entrou com o avô.

Paulo era engenheiro de pontes e calçadas. Adorava a sua irmãinha, que lhe pagava na mesma moeda. Paulo nunca se embaraçava com as variadas perguntas de Susana; tinha sempre resposta para lhe satisfazer a curiosidade.

Sentaram-se todos á meza, e durante alguns minutos reinou o silencio que sempre se estabelece no principio de qualquer refeição.

Mas, d'alli a pouco, a senhora de Sannois reparou que Susana não comia.

— Então que é isso, minha filha? — disse ella.

— Olha que é preciso comer.

— O comer é necessario para viver, para crescer, para reparar as forças que se perdem continuamente.

E como Susana esperasse uma explicação completa, Paulo accrescentou:

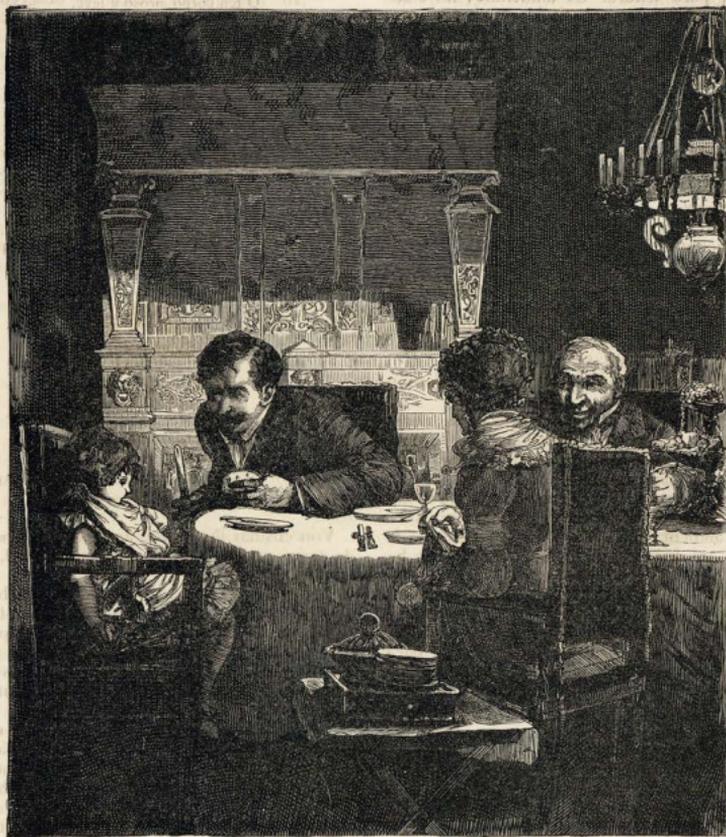
— Vou tentar fazer-te comprehender a razão porque é necessario comer, mas previno-te que isto leva seu tempo, e não sei se terás sufficiente paciencia para escutares até ao fim.

— Tenho, tenho! — assegurou rapidamente Susana.

— Sabe então que o teu corpo se compõe d'uma grande quantidade de órgãos, que esperam que tu comas para poderem desenvolver-se e crescer. Quando comes, alimentas ao mesmo tempo os teus musculos, os teus nervos, os teus ossos, a tua carne, e até as unhas e os cabellos.

— Ora essa! — exclamou a pequenita, muito admirada.

— É como te digo; tudo isso opera o appetite do teu estômago, e o trabalho dos teus dentinhos. Os alimentos que tu engoles contem sub-



Sasana prestava attenção áquellas explicações...

stancias indispensaveis para o crescimento de todas as partes do teu corpo.

— Pois sim, mas que culpa tenho eu de não sentir vontade de comer?

— Se não tens vontade de comer, é porque fizeste pouco exercicio, ou então porque comeste demasiado na refeição anterior, e todas as coisas se devem fazer na devida conta.

— Então, se eu comer este bocado de carne, alimento essa trapalhada em que fallaste ha pouco, ós taes orgãos?

— De certo. Apenas os teus dentinhos mastigarem a carne, dividindo-a em bocadinhos muito pequeninos, passa da tua garganta para um ca-

nudo a que os sabios chamam *esôphago*, e que vac dar ao estômago.

— Mas o que é o estômago?

— É como que um sacco onde vão cabir os alimentos que engulimos. E olha que o trabalho d'elle é muitissimo importante. O estômago é a cosinha onde os alimentos se transformam segundo o gosto dos teus orgãos; por isso está todo coberto de pequeninas glandulas, que podem comparar-se a uma esponja, as quaes dão um licor chamado o succo gástrico. Este succo molha ou ensopa os alimentos no estômago, o que tambem a saliva fizera já na bocca.

— É o molho do piteu — disse Susana.

— Pois seja o molho — concordou Paulo, sorrindo. — Na bocca, ha os dentes que servem para esmagar, para triturar os alimentos; no estômago, os dentes são substituidos por uns movimentos de contracção, de apêrto. O estômago encolhe-se, e então comprime os alimentos, amassa-os, fazendo d'elles uma papa a que se chama *chylo* (1), a qual desce por um outro canudo, que está todo enrolado e que tem o nome de tubo digestivo, ou intestino. Chegando alli, o chymo é ainda molhado por tres novos succos: o succo pancreatico, a bilis e o succo intestinal; depois, o intestino contrahe-se da mesma forma que o estômago, e o chymo transforma-se n'uma papa muito rala, da brancura do leite, e á qual se dá o nome de *chylo* (2).

— Chymo primeiro, e chylo depois! — murmurou a Susaninha, para não se esquecer d'aquellas palavras.

— E é o chylo que passa para o sangue.

— De que modo?

— Pelas villosidades do intestino.

— Villosidades! ai! que palavra! — exclamou a pequenita.

— As villosidades são uma especie de raizinhas que cobrem todo o intestino, e que funcionam como as raizes das plantas. São ellas que vem chupar o chylo leitoso ao intestino, para o levarem para o sangue, que d'este modo cria novas forças, de que muito precisa, porque é elle que alimenta todos os nossos órgãos, desde os ossos até aos cabellos, conforme te disse ha pouco.

A senhora de Sannois e seu velho pae nem uma vez interromperam Paulo, porque estavam encantados de ver a attenção que a pequenita Susana prestava áquellas explicações, que para outra creança seriam talvez bastante enfadonhas.

(Continúa)



A MORTE DA ENGEITADINHA

I

Sem ter pão, nem agasalho,
Gelada, hirta, semi-nua,
(Rosa coberta d'orvalho!)
Mendigava pela rua.

II

Era uma noite de inverno,
E a pobre da engeitadinha
Supplicava, em nome do Eterno,
O agasalho, que não tinha.

Em vão uma esmola implora.
No campo dormiu a triste.
E ao erguer-se a nova aurora...
Pobre amor!...

— Já não existe!!

(1) Pronuncia-se *quimo*.

(2) Pronuncia-se *quilo*.

III

Morreste, linda creança!
O teu corpo aroso e leve,
Como a pomba da aliança,
Ja coberto de neve!

Foi o calix d'uma rosa
(Um sepulchro perfumado!)
Que escondeu, ó flor mimosa,
Teu corpo, lyrio nevado.

IV

Na verde relva, entre flores,
Ai! ficou adormecida!
— Feliz d'ella que, entre alvares,
No ceu regressou á vida!

Cuba.

MATHEUS PERES.



ARTE MAGICA

DIZER QUANTOS PONTOS SOMMAM TRES CARTAS
OCCULTAS

Vou ensinar-lhes, meus amiguinhos, uma sorte de cartas muito interessante, muito facil, e que nunca pode fallhar.

Apresente o meu caro menino um baralho com 32 cartas a qualquer pessoa, e diga-lhe que aparte tres cartas, pondo-as, de costas para cima, sobre a meza. Depois, que conte os pontos de cada uma d'ellas, juntando-lhe tantas cartas quantas forem precisas para chegar ao numero quinze.

Exemplo: Figuremos que a primeira carta é um nove; colloca-se sobre ella seis cartas — a segunda é um az, que vale onze: junta-se-lhe quatro cartas — a terceira é uma figura, que vale dez; cobre-se com cinco cartas.

Feito isto, a pessoa restitue-lhe as cartas que não foram collocadas. Então o meu menino passa-as todas pela vista, fingindo examinal-as com attenção; mas a verdade é que o seu trabalho consiste apenas em acrescentar o numero dezesseis ao numero de cartas que tem na mão. A somma deve ser igual ao total dos pontos que representam as tres cartas escolhidas no principio. De facto, segundo suppozemos acima, as cartas eram um nove, um az e uma figura: logo, para completarmos o numero quinze em cada uma d'ellas, empregamos com a primeira seis cartas, quatro com a segunda, e cinco com a terceira, e mais as tres que separamos, ao todo dezoito cartas. Ora, tendo o baralho trinta e duas, de certo o resto foi quatorze: junte-lhe o numero dezesseis, que faz trinta, e é esse o total dos pontos das tres cartas escolhidas.

Perceberam? perceberam de certo, porque é muito simples.

A POMBA E A FORMIGA

(FABULA DE LAFONTAINE)

No crystallino regato
Em que uma pomba bebia,
Uma formiga imprudente
Debruçava-se e cahia.

Debalde a triste buscava
Ganhar a margem, salvar-se;
Era lutar co'um oceano,
E ia prestes afundar-se.

A boa pomba, que a vira,
Em seu auxilio vooou;
Atirou-lhe uma palhinha
Em que a triste se salvou.

N'isto passava um vadio,
Descalço e de jantar baldio;
Viu a pomba e contou logo
Para a ceia co'um bom caldo.

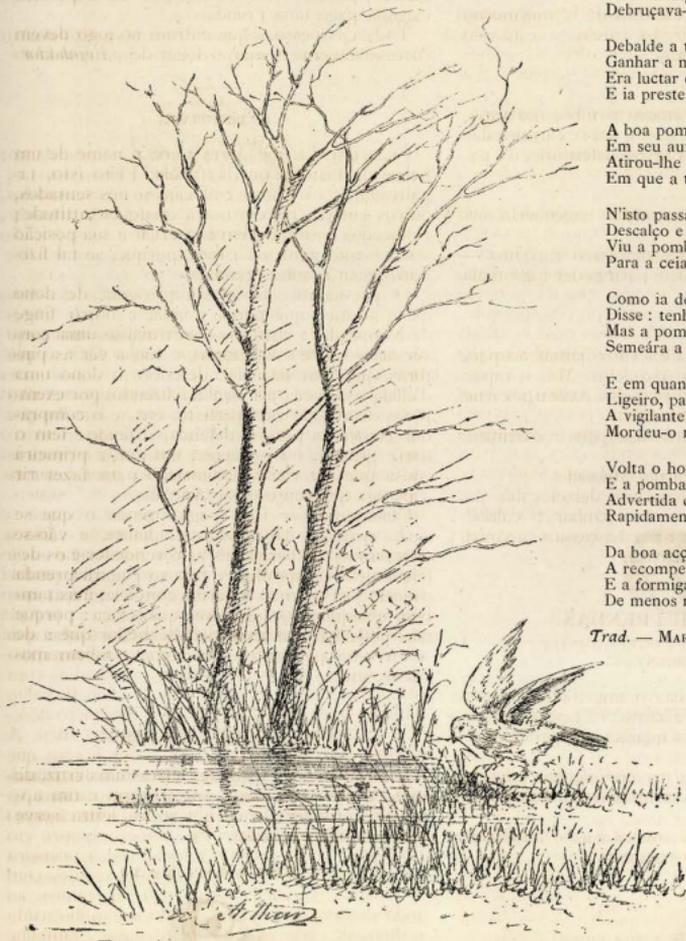
Como ia de bésta armado
Disse : tenho-a sob a mão,
Mas a pomba caridosa
Semeára a gratidão.

E em quanto elle s'aprestava,
Ligeiro, para atirar,
A vigilante formiga
Mordeu-o n'um calcanhar.

Volta o homem a cabeça,
E a pomba que o sentiu,
Advertida do p'riço,
Rapidamente fugiu.

Da boa acção que fizera
A recompensa colheu;
E a formiga por mesquinha
De menos não lhe valeu.

Trad. — MARIA RIBEIRO ARTHUR.



ALEGRIAS

Um criado perguntou ao outro:
— Então, estás contente na casa? teu amo tem uma vida regular?
— O mais regular possível: embebeda-se todos os dias á mesma hora!

A menina Nini mette-se em tudo. O outro dia, o padeiro trouxe o pão e disse á criada:

— Ora aqui tem pão fresco.

Nini foi apalpar o pão, mas retirou logo a mão-sinha.

— Que padeiro tão mentiroso! — murmurou ella; — diz que traz pão fresco, e está tão quente que me escaldou!

Um velho militar animava o filho, um rapazote de dez annos, a seguir a nobre carreira das armas, a ser um dos bravos defensores da patria.

— Pois sim, papá.

— Então que arma escolhes? engenharia, artilheria...

— Não, papá — interrompeu o rapazito — escolho a cavallaria, que é para poder fugir mais depressa.

Que valentão!

O Manuel Palhetas foi levar o jantar ao pae, que era um honrado marceneiro. Mas o rapaz era muito guloso, e no caminho comeu a carne e deixou ficar apenas o caldo.

Quando o marceneiro destapou a marmita, exclamou:

— Então que é da carne, Manuel?

— Ó pae, tenha paciência: deixei cahir no chão a marmita, e só pude apanhar o caldo!

Bem diz o rifão, que mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo.

JOGOS DE PRENDAS

AS PERGUNTAS

Trata-se de adivinhar o nome d'uma pessoa ou de um objecto. Fazem-se 12 perguntas, ou as que se combinar, ás quaes se responde apenas *sim*, ou *não*.

A pessoa designada para *adivinhador*, sahe da sala, para os demais assentarem no nome que deve ser adivinhado.

Feita a combinação, volta á sala o *adivinhador*, que faz então as perguntas.

Exemplo:

P. — É um objecto?

R. — Sim.

P. — É uma pessoa?

R. — Sim.

P. — É estrangeira?

R. — Não.

P. — Viveu no seculo xvii?

R. — Não.

P. — Antes d'elle?

R. — Sim.

P. — Era poeta?

R. — Sim.

P. — Tinha ambos os olhos?

R. — Não.

P. — É Camões?

R. — Sim.

N'este caso as 12 perguntas seriam sufficientes; mas, muitas vezes, não succede assim, o que torna o jogo interessante.

Quando o *adivinhador*, esgotadas as perguntas que se combinaram, não diz a palavra exigida, paga uma prenda.

Todas as pessoas que entram no jogo devem successivamente tomar o logar de *adivinhador*.

AS PINTURAS

Cada um dos jogadores toma o nome de um heroe da historia ou da fabula. Feito isto, tapam-se-lhes os olhos e collocam-se uns sentados, outros em pé, ou em outra qualquer attitude; collocados assim, devem conservar a sua posição sem se moverem, ou rirem, porque, se tal fizerem, pagarão uma prenda.

O presidente do jogo representa de dono das pinturas, que tem á venda, e outro finge de comprador: entre os dois trava-se uma conversação sobre o assumpto, e vão a vêr as pinturas que tem na sala: descobre o dono uma d'ellas, e começa a louval-a, dizendo, por exemplo, este Apollo está perfeito, etc., e o comprador começa a pôr-lhe defeitos, dizendo: tem o nariz grande, ou pequeno; em fim, a primeira cousa que lhe vier á imaginação para fazer rir a pessoa que representar Apollo.

Consequendo-se isto, paga prenda o que se riu, e quando não, passa-se adiante, e vão-se enumerando as perfeições pelo vendedor e os defeitos pelo comprador, e não só pagará prenda o que se rir quando fallarem com elle, mas tambem qualquer dos jogadores que o faça; porque não póde haver impropriedade maior que a de se rir uma pintura; assim como tambem mover-se, etc.

PALAVRAS EM CRUZ

Formar com as seguintes letras uma cruz, de modo que se leia um nome proprio e um appellido, advertindo que a terceira letra serve para as duas palavras:

E O L U V I N Ç A A J

